

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Subjuntivo independente. In: \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 454-456.



Resenhado por: **Silvana Zamproneo**<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho é uma resenha crítica da seção “Subjuntivo independente” presente no capítulo 13, que trata do verbo, da obra “Nova gramática do português contemporâneo”, de autoria de Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra. Objetiva-se discutir a pertinência do que esses gramáticos tradicionais denominam “subjuntivo independente”, mediante análise crítica fundamentada em três teorias linguísticas: a Gramática Gerativo-Transformacional, mencionada pelos dois gramáticos; a Gramática Funcional, ainda que superficialmente explorada; e a Linguística Cognitiva, utilizada como aporte teórico principal. O que se tenta demonstrar é que é possível explicar a existência do subjuntivo independente com base no princípio da economia e no princípio da integração ou mesclagem conceptual, postulado pela Linguística Cognitiva. O subjuntivo independente pode ser concebido como uma forma verbal que integra conceptualmente (a) noções como desejo, hipótese, ordem etc., oriundas da situação de uso e dos verbos e expressões de orações principais omitidas; e (b) o estatuto “principal” dessas orações.

**Palavras-chave:** Subjuntivo Independente. Integração Conceptual. Linguística Cognitiva. Gramática Tradicional. Gramática Gerativo-Transformacional.

<sup>1</sup> Resenha crítica apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Tópicos de gramática do português sob a ótica da Linguística Cognitiva e da Gramática Funcional, ministrada pelo Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, durante o primeiro semestre de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCL-CAR. Muitas reflexões deste trabalho resultam das discussões realizadas nas aulas sobre os temas “subjuntivo independente” e “Linguística Cognitiva”.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCL-CAR. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa e graduada em Letras pela mesma instituição. Docente dos cursos presenciais de Letras e Pedagogia do Centro Universitário Claretiano de Batatais (SP). E-mail: <silvanazlopes@uol.com.br>.

No capítulo 13 da *Nova gramática do português contemporâneo*, dedicado ao estudo do verbo, Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra discutem o emprego do que eles denominam “Subjuntivo independente”. Afirmam os autores que o subjuntivo pode ser usado de forma independente em orações absolutas, coordenadas ou principais para exprimir a) desejo, b) hipótese ou concessão, c) dúvida, d) ordem ou proibição e e) exclamação denotadora de indignação, e ilustram essas noções semânticas com algumas ocorrências, dentre as quais, respectivamente:

Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas! (A. Meyer, P, 254.)

Seja a minha agonia uma centelha

De glória!... (O. Bilac, T, 197.)

Paulo talvez lhe **telefonasse** à noite. (M. J. Carvalho, PSB, 34.)

Que não se **apague** este lume! (A. Meyer, P, 126.)

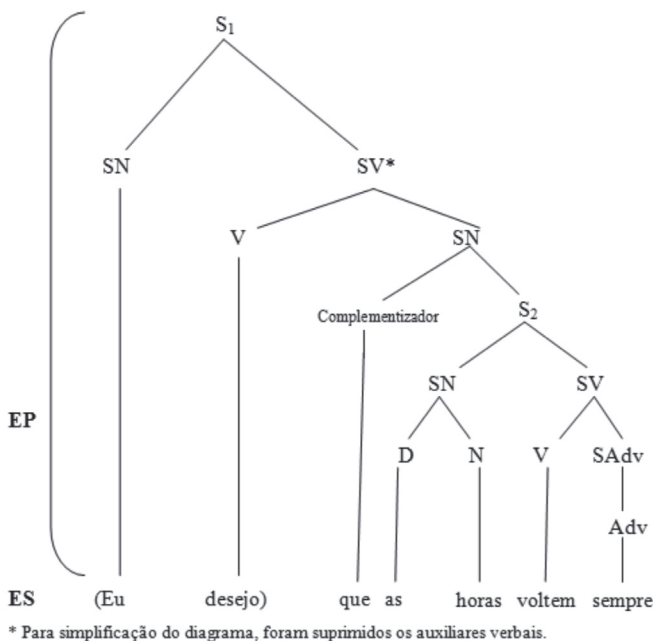
Diabos te **levem**! (F. Botelho, X, 198.)

Após as ocorrências utilizadas como exemplificação das noções semânticas, os autores apresentam três observações. A primeira e a terceira merecem especial atenção. Na primeira, eles afirmam que a partícula *que* no início de orações com o subjuntivo independente tem difícil classificação, dado seu valor mais afetivo do que lógico, podendo, pois, ser considerada espécie de prefixo conjuncional próprio do subjuntivo. Na terceira, Celso Cunha e Lindley Cintra lembram que os linguistas gerativo-transformacionais negam a existência do “subjuntivo independente”, uma vez que o interpretam como o resultado do apagamento da oração principal na estrutura superficial (ES).

Verifica-se, pela terceira observação, certa divergência entre, de um lado, Celso Cunha e Lindley Cintra e, de outro, os gerativistas. Se para os dois primeiros o subjuntivo pode ter um uso independente, para estes o subjuntivo não é uma forma verbal independente, já que seu emprego se deve ao apagamento, na ES, da oração principal que ocorre na estrutura profunda (EP). Nesta concepção gerativista, então, é necessário imaginar orações principais nas ocorrências citadas anteriormente:

- a') [ **Desejo que**] as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
- b') [ **Imagino que / suponho que / minha hipótese é que**] seja a minha agonia uma centelha de glória!...
- c') [ **Acho que / é possível que / duvido que**] Paulo (talvez) lhe telefonasse à noite.
- d') [ **Ordeno que**] não se **apague** este lume! / [ **Proíbo que**] se **apague** este lume!
- e') [ **Minha vontade é que**] diabos te **levem**!

O diagrama arbóreo possibilita a visualização da oração principal na EP e seu apagamento na ES. Tome-se a ocorrência (a') como ilustração:



**Figura 1:** Diagrama arbóreo com visualização da oração principal na EP e seu apagamento na ES.

**Fonte:** Arquivo pessoal.

Verifica-se que, sob uma visão gerativista, em ocorrências como esta, a partícula *que* - a qual, segundo a primeira observação de Celso Cunha e Lindley Cintra, seria um prefixo conjuncional – pode ser analisada como um complementizador que permanece, apagando-se somente a oração principal.

A admissão por Celso Cunha e Lindley Cintra da existência de subjuntivo independente parece mais pertinente do que a visão gerativista, segundo a qual esse tipo de uso do subjuntivo se justifica pelo apagamento, na ES, da oração principal. De fato, do ponto de vista funcional, o falante não apaga a oração principal, mas, por um princípio de economia, opta pela sua omissão.

O emprego do subjuntivo independente pode ser satisfatoriamente explicado pelo princípio da Linguística Cognitiva denominado *integração conceptual* ou *mesclagem conceptual* (*conceptual blending*).

Segundo Abreu (no prelo<sup>3</sup>), a Linguística Cognitiva tem duas premissas básicas: a faculdade da linguagem não é autônoma em relação às demais (visão, audição, memória, pensamento, emoção); a gramática resulta de conceptualizações, isto é, ela diz respeito a nossa visão de mundo e à forma como categorizamos as coisas e estabelecemos analogias entre elas, surge, pois, dos usos que fazemos da linguagem, visão esta que aproxima a Linguística Cognitiva da Gramática Funcional.

De acordo com Evans e Green (2006), para o linguista cognitivista, a linguagem é um sistema que reflete diretamente a organização conceptual. Estudar a língua é, portanto, estudar padrões de conceptualização, tomando-se como objeto de análise a linguagem em uso. Dessa forma, torna-se possível perceber a importância do princípio de integração conceptual para a Linguística Cognitiva.

Fauconnier e Turner (*apud* ABREU, no prelo, p. 68) concebem a integração conceptual como algo que está diretamente relacionado à ima-

---

<sup>3</sup>Embora a obra “Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada” já tenha sido publicada, em sua primeira edição, pela Ateliê Editorial no fim do ano de 2010, optou-se por ainda referenciá-la no prelo, uma vez que ela assim se encontrava no momento da elaboração desta resenha. As páginas citadas, portanto, não correspondem àquelas do livro já editado.

ginação. Na integração, dois espaços *inputs* são conectados e projetados seletivamente em um terceiro espaço, o espaço-mescla (*blended space*), produzindo-se estruturas emergentes por meio de composição, finalização e refinamento na mesclagem. Lakoff e Johnson (2003), por sua vez, afirmam que na integração conceptual estruturas conceptuais são combinadas com finalidades específicas, especialmente em casos em que se faz uso da imaginação.

Evans e Green (2006) salientam que na integração conceptual, concebida como uma operação cognitiva, a construção do significado envolve integração de estruturas que dão origem a algo mais do que a simples soma de suas partes. A Teoria da Mesclagem explica o mecanismo por meio do qual estruturas são recrutadas e integradas, produzindo-se uma estrutura emergente. Integração conceptual envolve, então, quatro espaços: dois espaços *inputs* (que contêm as estruturas parciais imprescindíveis à mesclagem), um espaço genérico (que contêm informações abstratas comuns aos dois espaços *inputs*) e o espaço-mescla (estrutura emergente ou novo significado).

Conforme Abreu (no prelo), são exemplos de integração conceptual a metáfora, a metonímia, a formação de conceitos, a compressão do tempo e do espaço, a compressão de causa e efeito. Acredita-se que o uso do subjuntivo independente seja um caso específico de integração conceptual motivada pelo princípio de economia, já mencionado.

Retomem-se as paráfrases das ocorrências citadas por Celso Cunha e Lindley Cintra:

a') [ **Desejo que** ] as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!

b') [ **Imagino que / suponho que / minha hipótese é que** ] seja a minha agonia uma centelha de glória!...

c') [ **Acho que / é possível que / duvido que** ] Paulo (talvez) lhe telefonasse à noite.

d') [ **Ordeno que** ] não se **apague** este lume! / [ **Proíbo que** ] se **apague** este lume!

e') [ **Minha vontade é que** ] diabos te **levem!**

Se se admite a existência dessas orações principais, elas compreenderiam o espaço *input* 1 e os verbos no subjuntivo, juntamente com as respectivas orações subordinadas nas quais eles ocorrem, compreenderiam o espaço *input* 2. No espaço genérico estariam presentes estruturas de ambos os espaços: do *input* 1, verbos e construções, tais como “desejo”, “imagino”, “suponho”, “minha hipótese é”, “acho”, “é possível”, “duvido”, “ordeno”, “proíbo”, “minha vontade é”, com seus significados - desejo/volição (a’ e e’), hipótese (b’), dúvida marcada pelas expressões modais epistêmicas de não certeza e crença (c’), ordem e proibição expressas pelos verbos performativos (d’) -, seguidos da conjunção integrante (complementizador) *que*; do *input* 2, os verbos no subjuntivo, que, segundo Cunha e Cintra (1985), denotam ação ainda não realizada dependente de outra, o que explica, do ponto de vista sintático, sua ocorrência em orações subordinadas. Finalmente, no espaço-mescla, o subjuntivo se tornaria uma forma verbal independente que integraria conceptualmente os valores dos verbos das orações principais, bem como o próprio valor principal dessas orações:

Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas! (A. Meyer, P, 254.)

**Seja** a minha agonia uma centelha

De glória!... (O. Bilac, T, 197.)

Paulo talvez lhe **telefonasse** à noite. (M. J. Carvalho, PSB, 34.)

Que não se **apague** este lume! (A. Meyer, P, 126.)

Diabos te **levem**! (F. Botelho, X, 198.)

Em (a), “voltem” integraria a ideia de desejo; em (b), “seja” integraria a ideia de hipótese; em (c), “telefonasse” integraria a noção de dúvida, de não certeza, reforçada por “talvez”; em (d), “apague” integraria a ideia de ordem ou proibição; em (e), “levem” integraria a ideia de indignação. Em alguns desses casos, a conjunção integrante *que* se manteria como um resquício do processo de integração.

Entretanto, a análise intuitiva realizada por Celso Cunha e Lindley Cintra acerca dos valores semânticos dos subjuntivos independentes nas frases por eles citadas é passiva de crítica, já que, em (b), é difícil depre-

ender o valor concessivo, cabendo tanto a leitura de hipótese como a de desejo; em (c), o advérbio “talvez” já expressa a dúvida, a não certeza, atuando como um construtor de espaço (*space builder*); em (d), são possíveis as leituras de ordem, proibição ou desejo; em (e), a indignação também denota um forte desejo. Dessa forma, embora a admissão de orações principais explique o subjuntivo independente como resultante da integração conceptual, bem como explique a ocorrência da partícula *que*, é difícil saber exatamente, sem contextualização, o valor semântico assumido pelo subjuntivo independente.

Uma hipótese plausível (e complementar à anterior) é a de que, o co-texto ou o contexto específicos nos quais as frases com subjuntivo independente ocorrem são fundamentais para se abrir espaços mentais que permitem recuperar com maior precisão a oração principal omitida e o verbo que entrou na mesclagem (*desejar, ordenar, supor, achar* etc.). O subjuntivo independente - uma estrutura emergente ou novo significado - integra, então, as noções de desejo, ordem, hipótese etc. que emanam dos contextos de uso. Nesse caso, é necessário abrir um espaço mental - concebido por Kövecses (2006, p. 250) como pacote conceptual construído *on-line* durante a comunicação - que possibilita atribuir ao subjuntivo independente o seu valor exato no contexto de ocorrência. Justifica-se a possibilidade do uso independente pelo fato de o subjuntivo integrar o próprio estatuto de principal da oração principal. A partícula *que*, que pode ser concebida como um complementizador aí presente como resquício da oração principal omitida, atua como um construtor de espaço que, juntamente com o contexto, auxilia a ativar o espaço mental específico que viabiliza a apreensão do significado exato do subjuntivo.

As noções de desejo, hipótese, dúvida, ordem etc. dizem respeito a proposições, e não a estados de coisas. Integra-se, portanto, ao subjuntivo independente, juntamente com essas noções, a possibilidade de emprego somente em proposições.

Tentou-se demonstrar nesta resenha crítica que a admissão por Celso Cunha e Lindley Cintra da existência do subjuntivo independente, ainda que sua análise seja intuitiva e apresente alguns problemas, se torna

plausível à luz do princípio cognitivo de integração conceptual. É possível admitir o emprego do subjuntivo independente não como resultante do apagamento de uma oração principal, mas como uma forma verbal que integra noções como desejo, hipótese, ordem etc. oriundas do contexto e dos verbos e expressões de orações principais omitidas por economia e recuperadas pela abertura de espaços mentais. O subjuntivo independente compreende, então, um caso de integração conceptual em que se comprimem noções de desejo, ordem etc. à sua noção original de ação não realizada, o que justifica sua ocorrência na proposição, uma das camadas que compõem a estrutura subjacente da frase proposta por Dik (1989).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada**. No prelo.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. C. **Theory of Functional Grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- KÖVECSÉS, Z. **Language, mind, and culture: a practical introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.



---

**Title:** CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Subjuntivo independente. In: \_\_\_\_\_. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 454-456.

**Author:** Silvana Zamprônio.

**ABSTRACT:** This paper is a critical review of the section “Independent Subjunctive” of the chapter 13, which deals with the verb, of the book “New grammar of contemporary Portuguese”, written by Celso Ferreira da Cunha and Luís Filipe Lindley Cintra. It aims to discuss the relevance of the term “independent subjunctive”, through critical analysis based on three linguistic theories: the Transformational-Generative Grammar, mentioned by these grammarians; the Functional Grammar, although superficially explored; and the Cognitive Linguistics, used as main theoretical basis. What we are attempting to demonstrate is that it is possible to explain the existence of the independent subjunctive on the basis of the principle of economy and the principle of conceptual blending, postulated by Cognitive Linguistics. The independent subjunctive can be conceived as a verbal form that conceptually integrate: (a) notions like desire, hypothesis, order, etc, arising from context of use and verbs and expressions of omitted main clauses; and (b) the status “main” of these clauses.

**Keywords:** Independent Subjunctive. Conceptual Integration. Cognitive Linguistics. Traditional Grammar. Transformational-Generative Grammar.